

## A ESCOLA DE SALAMANCA: ENTRE O MEDIEVO E A MODERNIDADE

*The School of Salamanca: between medievalism and modernity*

*Lucas Duarte Silva<sup>1</sup>*

**Resumo:** Enquanto grande parte da Europa estava influenciada pelas ideias do renascimento italiano, ou do empirismo inglês, ou ainda do racionalismo de Descartes, a península Ibérica desenvolveu um pensamento peculiar; muito próximo ao dos escolásticos do século XIII e XIV. A este movimento costuma-se dar o nome de *Segunda Escolástica* ou *Escolástica Barroca*. Neste estudo procuraremos expor, de maneira rápida e geral, o que caracterizou este movimento. Enfatizaremos a continuação do método de produção de conhecimento, mas buscaremos evidenciar o papel da Escola de Salamanca, epicentro da Segunda Escolástica, neste contexto. A importância deste período se dá, não apenas pela influência nas primeiras escolas das colônias americanas, mas, também, pela sua influência dentro do continente europeu.

**Palavras-chave:** *Segunda Escolástica*; Filosofia; Teologia.

**Abstract:** While most of Europe was influenced by the ideas of the Italian Renaissance, or English empiricism, or rationalism of Descartes, the Iberian world developed a peculiar thought, very close to the Scholastics of the thirteenth century and fourteenth. This movement is usually given the name of the *Second Scholastic* or *Scholastic Baroque*. This study will seek to expose, quickly and generally, what characterized this movement. We will focus on the continuation of knowledge production's method, but will seek to highlight the function of the School's Salamanca, the epicenter of the second scholasticism. The importance of this period is given, not only by the influence of the first schools in the American colonies, but also because of their influence within the European continent.

**Keywords:** *Second Scholastic*; *Philosophy*; *Theology*.

### 1. Considerações Iniciais

A *Segunda Escolástica* refere-se ao pensamento desenvolvido nos séculos XVI e XVII com a metodologia Escolástica. Por Escolástica<sup>2</sup>, entende-se o “método de ensino teológico e filosófico desenvolvido nos primórdios da Universidade durante a Idade Média, entre os séculos IX e XVII”. Isto não significa que a Escolástica deva ser identificada necessariamente com a filosofia medieval<sup>3</sup>, mas, sim, com um modo

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), sob orientação do professor Dr. Roberto Pich. Professor vinculado à área de Ética e Conhecimento da Universidade de Passo Fundo (UPF). E-mail: [lucasfilo@gmail.com](mailto:lucasfilo@gmail.com)

<sup>2</sup> Cf. CULLETON, Alfredo. “O que é a escolástica e a Escola de Salamanca” In: **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, ano X, n.342, 2010, p.5.

<sup>3</sup> Sobre a Filosofia medieval costuma-se distinguir, de maneira geral, a filosofia medieval em: filosofia patrística (desenvolvida pelos primeiros padres de Igreja que buscavam explicar ou dar razões de sua fé através do recurso à filosofia grega) e escolástica (modo próprio de fazer filosofia, desenvolvido nas Escolas medievais, baseado nas artes liberais [o *trivium* e no *quadrivium*], e, posteriormente, nos primeiros anos das Universidades ocidentais [dentre elas: a Universidade de Bolonha; a Universidade de Paris; e a de Oxford, na Inglaterra] (NASCIMENTO, Carlos A. **O que é filosofia medieval**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1992, p.1-18). Porém, tal divisão não é consenso entre os estudiosos deste período. Saranyana, por exemplo, trata a filosofia patrística como um período anterior à filosofia medieval, sendo que essa última tem como marco inicial o Império de Carlos Magno (768). Segundo ele, “antes dos carolíngios, a especulação era uma continuação do mundo antigo, embora recebido em solo cristão”

próprio de trabalhar surgido nas Escolas medievais. Trata-se então de um método de produção de conhecimento<sup>4</sup> que está embasado na disputa de questões, no levantamento de razões e no afastamento de possíveis objeções; apresentando argumentos apoiados nas autoridades medievais (nos escritos dos Santos Padres da Igreja; na Sagrada Escritura e na filosofia, sobretudo no platonismo e no aristotelismo).

Este método peculiar, que marcara o modo de fazer filosofia na Baixa Idade Média, torna-se referência para os autores da *Segunda Escolástica*, movimento intelectual que se desenvolve, sobretudo, nas instituições de ensino da Espanha e de Portugal. Dentre essas instituições está a Escola de Salamanca, um importante e influente centro intelectual da época. Os professores dessas instituições tinham como ponto de partida, como lembra De Boni, o estudo dos escolásticos medievais, principalmente de Tomás de Aquino; para, a partir das obras do aquinate, dialogar com as “novidades” surgidas neste período<sup>5</sup> (os avanços científicos, as descobertas marítimas e a reforma protestante). Assim, os pensadores da *Segunda Escolástica* não se limitaram em apenas repetir os autores medievais, mas, sim, em produzir um pensamento próprio e influente, tanto para a Europa como para os primeiros centros de estudos na América (principalmente, a parte espanhola<sup>6</sup>). Buscaremos, num primeiro momento caracterizar alguns traços gerais desta escola e apresentar alguns autores<sup>7</sup>.

---

(SARANYANA, Josep-Ignasi. **A Filosofia Medieval: das origens patrísticas à escolástica barroca**. Tradução de Fernando Salles. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência ‘Raimundo Lúlio’ (Ramon Llull), 2006, p.31). A filosofia medieval estender-se-ia, então, do Império de Carlos Magno até a morte de João de São Tomás, em 1644 (SARANYANA, Josep-Ignasi. **A Filosofia Medieval: das origens patrísticas à escolástica barroca**. Tradução de Fernando Salles. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência ‘Raimundo Lúlio’ (Ramon Llull), 2006, p.31). No que tange a este trabalho, a divisão não é importante, pois, acredita-se que não há uma grande ruptura entre Patrística e Escolástica, são modos diferentes de fazer filosofia é verdade, mas trata-se, sobretudo de uma continuação das grandes questões filosóficas, basta observar as inúmeras referências de Tomás ou Boaventura ao pensamento de Agostinho ou Boécio.

<sup>4</sup> Sobre as técnicas argumentativas e os estilos literários que resultaram do método escolástico ver em: ULLMANN, Reinhold Aloysio. **A Universidade Medieval**. 2ª edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p.61-80.

<sup>5</sup> DE BONI, Luis Alberto. “Os ‘velhos’ escolásticos continuam presentes”. In: **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, ano X, n.342, 2010, p.6s.

<sup>6</sup> Sobre a formação das primeiras escolas nas colônias americanas, De Boni destaca que: “A universidade é uma instituição tardia no Brasil. Se olharmos para a América Espanhola, constataremos que já desde os primeiros tempos de colonização foram sendo criadas universidades. Assim, a Universidade de São Marcos, em Lima, foi fundada em 1551. Universidade Autônoma de Santo Domingo, na República Dominicana, teria sido fundada antes, em 1538, mas só mais tarde recebeu a documentação real; a Universidade do México, em 1551; a Universidade Santo Tomas em Bogotá, em 1580; a Universidade de Córdoba, na Argentina, em 1621; a Universidade Maior de São Francisco Xavier em Chuquisaca, na Bolívia, em 1624; a Universidade de Rosário, Argentina, em 1654; a Universidade de São Carlos de Guatemala, em 1676; a Universidade de Havana em 1721; a Real Universidade de São Felipe, Chile, em 1747. Como se pode ver, cerca de 250 anos após o descobrimento, os espanhóis já haviam criado 10 universidades. Isso significou muito para aquela época, como se constatou quando, no início do século XIX, aconteceu a independência política da América Espanhola: havia naquelas jovens nações uma elite

## 2. A Escola de Salamanca

A Escola de Salamanca foi fundada em 1243 por Fernando III, o Santo, rei de Leão e Castela. Mas, só foi consolidada somente alguns anos mais tarde por Afonso X, filho de Fernando III. Situada na cidade de Salamanca, fronteira da Espanha com Portugal, teve seu auge no século XVI por causa da repercussão de várias obras de mestres teólogos que lecionavam lá e tornou-se a Universidade modelo dentro do reino espanhol. Segundo Saranyana, a Universidade solicitou repetidas vezes uma Faculdade de Teologia, mas não a obteve até que Bento XIII, papa avinhonês, a concedesse em 1396 para ganhar o favor dos espanhóis<sup>8</sup>. Além da Teologia, o estudante poderia conseguir o título de bacharel ou licenciado (e, posteriormente, o título de doutor ou mestre) em: Artes (Filosofia); Medicina; Leis; Direito Canônico e Teologia<sup>9</sup>.

Podemos assumir a posição de Saranyana acerca da distinção de duas gerações de pensadores<sup>10</sup>: a primeira geração inicia com Vitória (1483-1546) e vai até Mâncio de Corpus Christi (1526-1576); e a segunda abrange desde Bartolomé de Medina (1576-1599) até a aposentadoria de Domingo Báñez (1576-1599). A distinção entre as duas gerações pode ser assim resumida: os autores da primeira geração são os responsáveis pela recepção do pensamento medieval e a conciliação do mesmo com os novos

---

intelectual apta a assumir a direção dos negócios públicos” (DE BONI, Luis Alberto. “Os ‘velhos’ escolásticos continuam presentes”. In: **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, ano X, n.342, 2010, p.7).

<sup>7</sup> Este texto não tem a pretensão de apresentar uma tese forte e original, mas trata-se de um ensaio introdutório a Segunda Escolástica e a Escola de Salamanca, movimento e centro de ensino onde se desenvolveu o pensamento de Juan de Mariana (*Ioannes de Mariana*), nosso objeto de estudo no doutorado.

<sup>8</sup> SARANYANA, Josep-Ignasi. **A Filosofia Medieval: das origens patrísticas à escolástica barroca**. Tradução de Fernando Salles. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência ‘Raimundo Lúlio’ (Ramon Llull), 2006, p.513.

<sup>9</sup> Cf. FUERTES HERREROS, José L. “La estructura de los saberes em la primeira Escuela de Salamanca”. In: **Cauriensia**, v. VI, 2011, p.110s. Ainda de acordo com FUERTES, para ser bacharel em Artes era necessário cursar pelo menos três anos na Faculdade de Artes; o primeiro ano era destinado aos estudos de *Lógica* (os textos de Aristóteles e de Porfírio); a filosofia natural e moral de Aristóteles nos anos subsequentes; além de responder, como uma espécie de exame final, uma *quaestio* sobre um tema. Já para os estudos de Teologia, todo o leigo ou o religioso não-mendicante, que queria o título de bacharel em Teologia, deveria ter: (i) o bacharel em Artes ou haver estudado todas as lições da Faculdade de Artes; (ii) frequentar as lições sobre *Os livros das sentencias* por cinco anos (ou a maior parte delas); e (iii) escutar por dois anos as leituras da Bíblia; além disso, o candidato a bacharel teria que ler publicamente dez lições e sustentar um princípio (ou uma questão) perante bacharéis, ouvintes e arguidores. Para o Licenciado em Teologia se exigia a leitura por quatro anos do seguinte cronograma: no primeiro ano, a Bíblia, o Novo e o Velho Testamento; no segundo e terceiro anos, todo o livro das *Sentenças* (dois livros por ano); e, no quarto ano, o candidato deveria, além de ler todo o livro das *Sentenças*, defender uma tese e sustentá-la no começo de cada livro. Cf. FUERTES HERREROS, José L. “La estructura de los saberes em la primeira Escuela de Salamanca”. In: **Cauriensia**, v. VI, 2011, p.111.

<sup>10</sup> SARANYANA, Josep-Ignasi. **A Filosofia Medieval: das origens patrísticas à escolástica barroca**. Tradução de Fernando Salles. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência ‘Raimundo Lúlio’ (Ramon Llull), 2006, p.514.

acontecimentos históricos do século XV. Eles são os responsáveis pela a formação de um arcabouço intelectual importante para os comentários posteriores, dos mestres da segunda geração. Além de serem mestres catedráticos, eles também compartilham, pelo menos os nomes mais expressivos inicialmente, o fato de pertencerem a ordem dos dominicanos. Desde já podemos notar a forte ligação da Teologia com a Filosofia. Aliás, pode-se dizer que a Teologia tem um papel marcante para a Escola e para este período, a ponto de Belda Plans afirmar que a Segunda Escolástica se trata de:

Um movimento estritamente teológico do século XVI, que se propõe, como objetivo primordial, renovar e modernizar a Teologia, integrado por um grupo amplo de três gerações de teólogos, catedráticos e professores da Faculdade de Teologia de Salamanca, todos os quais consideram Francisco de Vitória como principal artífice do movimento, e seguem as trilhas de renovação teológica abertas por ele, até princípios do século XVII<sup>11</sup>.

A “renovação teológica” pode ser notada na adoção da *Summa theologiae*, de Tomás de Aquino, como texto base das lições acadêmicas. Este fato ocorre por uma exigência do próprio Concílio da Basileia (1431-37 [-1449]). Segundo Fuertes Herrerros, o Concílio entendia que os Quatro Livros das Sentenças (*Sententiarum Quatuor Libri*) do mestre das sentenças, Pedro Lombardo, já não era plenamente satisfatório e que já não respondia aos novos tempos<sup>12</sup>; isso não significa que o mesmo deveria ser abandonado, mas que aos poucos a *Summa* de Tomás ganhava destaque; bem como a obra do frade franciscano Duns Scotus. A importância destes autores escolásticos na formação da Universidade de Salamanca está estampada em uma das resoluções internas da instituição, citamos:

*Letiones de teologia*

116. “*Los catredaticos de teologia de prima y visperas lean los quatro libros de las sentencias, de tal manera, que en prencipio de cada distinción sucintamente declaren la sentencia del testo del maestro, y después muevan sus quistiones que pareciere; al catedrático de biblia lea un año nuevo testamento y otra del viejo, y no otra cosa lecion ni autor ninguna; el catredatico de parte de Santo Thomas lea las partes de santo Thomas y no otra cosa, e ansy mesmo el de Scoto al mismo Scoto, y la catreda de nominales al solo dotor nominal*”<sup>13</sup>.

A tomada de um texto base para uma cátedra é uma herança do modelo de ensino medieval. Ao professor caberia à incumbência de ler e explicar aos alunos o texto conforme a metodologia escolástica (*lectio, quaestio e disputatio*). As lições eram

<sup>11</sup> *Apud* SARANYANA, Josep-Ignasi. **A Filosofia Medieval: das origens patrísticas à escolástica barroca**. Tradução de Fernando Salles. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência ‘Raimundo Lúlio’ (Ramon Llull), 2006, p.513.

<sup>12</sup> Cf. FUERTES HERREROS, José L. “La estructura de los saberes em la primeira Escuela de Salamanca”. In: **Cauriensia**, v. VI, 2011, p.105.

<sup>13</sup> FUERTES HERREROS, José L. “La estructura de los saberes em la primeira Escuela de Salamanca”. In: **Cauriensia**, v. VI, 2011, p.105 [grifo em itálico do autor].

divididas em cátedras *maiores* e *menores*. As cátedras maiores subdividiam-se em lições de *prima* e lições de *véspera*. Sobre esta divisão Barrientos observa que:

En las cátedras de Prima y Vísperas el texto era las Sentencias de Pedro Lombardo que según disposición de las Constituciones de Martín V, se debían pasar en cinco cursos. En las cátedras de Santo Tomás y Escoto se debían leer los autores que le daban nombre: en la primera la *Suma Teológica* del Aquinate y en la segunda el comentario a las *Sentencias* de Duns Scoto. Las cátedras de Prima y Vísperas eran de propiedad, se llamaban también mayores, y los alumnos tenían obligación de asistir a sus lecciones para ganar curso. Las otras dos cátedras era temporales, se llamaban menores; en realidad, eran cátedras optativas, pues se impartían a la misma hora, última de la tarde, a fin de que los alumnos optasen entre la doctrinas de uno u otro doctor<sup>14</sup>.

Tem-se aqui uma mudança importante, a obra de Tomás de Aquino passa de uma disciplina menor para uma disciplina maior. Mas, mais do que uma mera “promoção de cátedra”, a obra do Doutor Angélico significava um “novo” sistema intelectual que permitia compreender os desafios da época de ouro do reino espanhol<sup>15</sup>.

[...] era la experiencia de la cristandad y del imperio la que se abría, la *Suma Teológica* de Santo Tomás y una filosofía arquitectónicamente bien vertebrada, y que había estado madurando en sintonía con la renovación de la cristandad durante el siglo XV, a la que nos referimos como primera Escuela de Salamanca, estaba presta a responder a los nuevos tiempos<sup>16</sup>.

Não é por acaso que Francisco Vitoria, o grande nome da primeira geração da Escola de Salamanca, desenvolve seu pensamento no horizonte proposto pelo Doutor Angélico<sup>17</sup>. Porém, o contexto cultural dos séculos XV e XVI é totalmente diverso do

<sup>14</sup> *apud* FUERTES HERREROS, José L. “La estructura de los saberes em la primeira Escuela de Salamanca”. In: **Cauriensia**, v. VI, 2011, p.103-145, p.105. Ainda sobre as cátedras de *prima* e de *vésperas* Saranyana adverte que elas receberam este nome porque “as lições começavam, respectivamente, às nove da manhã (a hora da prima) e às quatro da tarde (a hora de véspera). A mais apreciada das duas cátedras foi a de prima. Por isso, muitos mestres salmanticenses seguiram o seguinte currículo universitário: começaram como substitutos de algum catedrático de prima ou de vésperas, isto é, como ajudantes que ministravam a aula quando o mestre ausentava-se; posteriormente, concorriam à cátedra de vésperas; finalmente, concorriam à cátedra de prima” (SARANYANA, Josep-Ignasi. **A Filosofia Medieval: das origens patrísticas à escolástica barroca**. Tradução de Fernando Salles. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência ‘Raimundo Lúlio’ (Ramon Llull), 2006, p.514).

<sup>15</sup> Alain Guy menciona que: “la Escuela de Salamanca dará ejemplo de una actitud plenamente abierta respecto a las nuevas tendencias y los justos reproches de Vives y demás filósofos humanistas; ferviente pluralista – hasta el extremo de crear en su seno, como se ha visto antes, cátedras de nominalismo -, actuará no para hacer ‘estallar’ al tomismo, sino para depurarlo, darle nuevos recursos y enriquecerlo, introduciendo sin miedo interpretaciones variadas y aún inéditas, como el suarismo, el neoplatonismo, el agustinismo, el escotismo” (GUY, Alain. “La Escuela de Salamanca”. In: \_\_\_\_\_. **Historia de la Filosofía Española**. Barcelona: Anthropos Editorial del Hombre, 1985, p.93 ).

<sup>16</sup> FUERTES HERREROS, José L. “La estructura de los saberes em la primeira Escuela de Salamanca”. In: **Cauriensia**, v. VI, 2011, p.106.

<sup>17</sup> Nas palavras de Roberto PICH: “Sem dúvida, o grande empreendimento de Vitoria é um reflexo da orientação teológico-filosófica mais marcante do catolicismo ibérico do século 16, a saber, o pensamento de Tomás de Aquino, e, nesse aspecto, da necessidade de aplicar o pensamento prático do Doutor Angélico às novas questões do tempo da era dos conquistadores” (PICH, Roberto. *Dominium e Ius: sobre a fundamentação dos Direitos Humanos segundo Francisco de Vitoria (1483-1546)*. In: **Teocomunicação**, v. 42, n. 2, jul./dez, Porto Alegre, 2012, p.377).

ambiente que Tomás escrevera a *Summa*. Poderia valer o modelo teológico proposto por Tomás para a realidade do século dos descobrimentos? Além disso, sabe-se que o pensamento tomista busca mostrar que, embora a filosofia seja distinta da teologia, não há desacordo entre elas, pois as duas buscam a verdade e são obras do mesmo Criador<sup>18</sup>; será este o espírito que anima os pensadores da Segunda Escolástica? E qual o papel que a Teologia desempenha na formação do pensamento colonial<sup>19</sup>?

Mesmo sem apresentar aqui uma resposta satisfatória a elas, por ora basta dizer que são os pensadores da Segunda Escolástica, inspirado por este espírito de harmonia entre Filosofia e Teologia, que discutem e refletem alguns problemas pontuais que aparecem com a “descoberta” das “novas terras além-mar”.

### 3. A Escola de Salamanca e a formação intelectual na América Latina

Segundo Saranyana, “as demais Universidade maiores da coroa espanhola em tempos de Felipe II (Coimbra-Lisboa, Loviana, Alcalá, Lima e México) imitaram, em maior ou menor grau, a organização acadêmica de Salamanca<sup>20</sup>”. Isso implica que os intelectuais da Teologia, da Filosofia e do Direito, que atuam nas recém-fundadas universidades coloniais, ou nos primeiros centros de ensino na colônia americana (México, Chile, Equador, Peru e a Argentina), são, em sua maioria, educados na Escola de Salamanca ou nas universidades espanholas; e por elas influenciadas.

Pode-se destacar, de acordo com Pich, que os primeiros intelectuais do período colonial acompanham as tendências da *Escolástica Barroca* ibérica em Teologia e em Filosofia<sup>21</sup>. Segundo ele, podem-se apontar quatro pontos:

- (i) os temas, o método sistemático de exposição e o espírito compatibilizador entre teologia e filosofia da Escolástica dos séculos 13 e 14, em especial devido à influência das obras de Tomás de Aquino, sobretudo à Segunda Parte da *Summa theologiae*; (ii) o ideal de reforma interna à Igreja Católica e a oposição aos movimentos protestantes, dando uma nova dimensão aos temas do poder papal e do poder eclesiástico, do poder secular e da missão de conversão ao catolicismo; (iii) além disso, nos âmbitos da lógica, metafísica, teoria do conhecimento, ética jurídica e crítica da religião, nota-se um diálogo e uma reação crescentes com respeito à filosofia moderna incipiente; (iv) o fato do ‘Novo Mundo’, que traz aos intelectuais da escolástica barroca a necessidade de tematizar, na ética, na antropologia e no direito, a ‘conquista’ espanhola, o estatuto do ser humano, os direitos dos povos recen-

<sup>18</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma Contra os Gentios*. I, VII, 3.

<sup>19</sup> Estas perguntas devem ser respondidas em outro momento.

<sup>20</sup> SARANYANA, Josep-Ignasi. *A Filosofia Medieval: dos origens patrísticos à escolástica barroca*. Tradução de Fernando Salles. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência ‘Raimundo Lúlio’ (Ramon Llull), 2006, p.514.

<sup>21</sup> PICH, Roberto H. “Recepção e desenvolvimento da Escolástica Barroca na América Latina, séculos 16-18: notas sobre a contribuição de Walter Bernard Redmond”. In: *Scripta*, v. 4, n.2, 2011, p.82.

temente descobertos e conquistados e as relações normativas para os vínculos entre os povos<sup>22</sup>.

Do ponto de vista ético e jurídico a colonização espanhola colocou uma série de questionamentos: qual a justificativa teórica da empresa colonizadora? Qual era o direito dos conquistadores sobre as terras “descobertas”? Quais eram as relações de domínio entre eles? Quais os direitos que o Sumo Pontífice possuía, ou não, sobre essas “novas” terras? Não é nossa pretensão apresentar aqui todas as posições, porém, é oportuno dizer que são os mestres catedráticos de Salamanca que buscam responder a estas e outras perguntas; uma vez que, sobre essas e outras questões não foram poucos os pensadores e teólogos que se ocuparam e formularam as suas respostas<sup>23</sup>, principalmente porque a corte espanhola os procurava.

Gonzáles destaca que “são frequentes, nesta época, as consultas dos políticos espanhóis aos teólogos de Salamanca, presenciais ou mediante correio, buscando os modos teóricos de harmonizar o que denominamos o ‘choque de civilizações’ com os interesses do Império espanhol, tanto materiais quanto espirituais<sup>24</sup>”. Além disso, observa-se uma grande produção de publicações de escritos dos escolásticos salamanquenses, nos quais buscam oferecer respostas aos problemas gerados pela conquista. Mas quais as contribuições (mesmo que gerais) que os teólogos da Escola de Salamanca deram? Inúmeras, de fato. Pode-se citar, por exemplo: o reconhecido esforço de Francisco Vitoria sobre o direito internacional (ou direito das gentes); a luta contra a escravidão dos índios por Bartolomeu de las Casas (1484-1566); as teorias econômicas de Tomás de Mercado (1523/30-1575) e Juan de Mariana (1536-1624); as contribuições no campo da metafísica de Francisco Suarez (1548-1617) e Luís de Molina (1536-1600).

Todas essas contribuições tem pelo menos um fator comum: o ambiente de produção. São teorias que nascem no ambiente escolástico proporcionado pela Escola de Salamanca e pelas reflexões dos escolásticos medievais. Destarte, mostra dois pontos: (i) um pensamento fortemente calcado na relação íntima entre Teologia e

---

<sup>22</sup> PICH, Roberto H. “Recepção e desenvolvimento da Escolástica Barroca na América Latina, séculos 16-18: notas sobre a contribuição de Walter Bernard Redmond”. In: **Scripta**, v. 4, n.2, 2011, p.82s.

<sup>23</sup> Para citar alguns nomes: Silvestre Prierias (1456-1523); Tomás de Vio Caietano (1469-1534); Francisco de Vitoria (1483-1546); Domingos de Soto (1494-1560) e Domingos Bañez (1528-1602); Luís Molina (1535-1600); João Mariana (1536-1624); Roberto Bellarmino (1542-162); Francisco Suárez (1548-1617); Gregório de Valência (1549-1603); Gabriel Vasquez (1551-1604) e Leonardo Lessio (1554-1623).

<sup>24</sup> GONZÁLES, Angel P. “A Escola de Salamanca e a Segunda Escolástica”. In **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, ano X, n.342, 2010, p.33s.

Filosofia; e (ii) um período de transição com a modernidade (uma vez que as obras desses pensadores também repercutiram na Europa<sup>25</sup>).

#### 4. Considerações

Mesmo que este trabalho seja incipiente é forçoso que façamos, aqui, algumas considerações mais firmes que servirão, posteriormente, para a continuação do trabalho.

Em primeiro lugar evidencia-se a importância da Escola de Salamanca na Segunda Escolástica, como o principal centro intelectual e por onde passaram os nomes mais expressivos deste momento histórico.

Em segundo lugar, pode-se afirmar que este movimento intelectual buscou conciliar, aos moldes dos estudos escolásticos medievais, Teologia e Filosofia (fé e razão). Neste ponto, a obra de Tomás desempenha um papel paradigmático para os autores da Segunda Escolástica. A obra do aquinate traz um novo modelo sob o qual se desenvolverão as questões teóricas deste período (pode-se dizer o mesmo de Duns Scotus, embora Tomás venha primeiro).

Por terceiro e último, pode-se dizer que o modo de produzir conhecimento deste período foi o método escolástico, ou seja, método baseado na disputa e nas Autoridades medievais; fato que reforça a importância da relação entre a teologia e a filosofia, para buscar explicações para as questões humanas.

#### Referências Bibliográficas:

CULLETON, Alfredo. “O que é a escolástica e a Escola de Salamanca” In: **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, ano X, n.342, 2010, p.5.

DE BONI, Luis Alberto. “Os ‘velhos’ escolásticos continuam presentes”. In: **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, ano X, n.342, 2010, p.6-10.

FUERTES HERREROS, José L. “La estructura de los saberes em la primeira Escuela de Salamanca”. In: **Cauriensia**, v. VI, 2011, p.103-145.

GONZÁLES, Angel P. “A Escola de Salamanca e a Segunda Escolástica”. In **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, ano X, n.342, 2010, p.33-34.

---

<sup>25</sup> ORREGO destaca que “Heidegger que se refere à obra mais emblemática da Segunda Escolástica: ‘o essencial da filosofia grega passa à metafísica e à filosofia transcendental da época moderna pela via das *Disputationes metaphysicae* de Francisco Suarez e determina, no entanto, os fundamentos e fins da lógica de Hegel’ (*Ser e tempo*, § 6, p. 22 [da Ed. De Niemeyer]). O pensamento do próprio Descartes , que pretendia filosofar “sem pressupostos” e é habitualmente considerado como o pai da filosofia moderna, se demonstrou que está marcado por uma grande dependência com referência às propostas filosóficas e teológicas dos escolásticos que precederam imediatamente. O mesmo caberia dizer de Malebranche , Spinoza, Leibniz e outros” (ORREGO, Santiago. “A importância da Segunda Escolástica no Ocidente”. In **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, ano X, n.342, 2010, p.13).



GUY, Alain. “La Escuela de Salamanca”. In: \_\_\_\_\_. **Historia de la Filosofía Española**. Barcelona: Anthropos Editorial del Hombre, 1985, p.93-130.

NASCIMENTO, Carlos Arthur. **O Que é Filosofia Medieval**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

ORREGO, Santiago. “A importância da Segunda Escolástica no Ocidente”. In **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, ano X, n.342, 2010, p.13-16.

PICH, Roberto H. “Recepção e desenvolvimento da Escolástica Barroca na América Latina, séculos 16-18: notas sobre a contribuição de Walter Bernard Redmond”. In: **Scripta**, v. 4, n.2, 2011, p. 81-102.

\_\_\_\_\_. *Dominium e Ius*: sobre a fundamentação dos Direitos Humanos segundo Francisco de Vitoria (1483-1546). In: **Teocomunicação**. v. 42, n. 2, jul./dez, Porto Alegre, 2012, p. 376-401.

SARANYANA, Josep-Ignasi. **A Filosofia Medieval: das origens patrísticas à escolástica barroca**. Tradução de Fernando Salles. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência ‘Raimundo Lúlio’ (Ramon Llull), 2006.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **A Universidade Medieval**. 2ª edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.